

## O GOSTO MUSICAL NUM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA NO NORDESTE DO BRASIL: ESTUDO PILOTO

André de Araújo Leal  
andrelealrds@hotmail.com  
<http://lattes.cnpq.br/9190464287522467>

Janaina Lima da Silveira  
janaina-limasilveira@outlook.com  
<http://lattes.cnpq.br/4786431266349625>

Paula Maria Aristides de Oliveira Molinari  
paulamolinari@ufpi.edu.br  
<http://lattes.cnpq.br/8819531754274233>

### RESUMO

Esta pesquisa representa a fase inicial de um estudo sobre o gosto musical na região metropolitana de Teresina-PI, onde foi realizado um mapeamento no curso de Licenciatura em Música. O principal instrumento de coleta de dados foi um questionário enviado por correio eletrônico a alguns alunos do curso, de modo a conhecer o gosto musical da comunidade selecionada para avaliar suas percepções culturais. Como esperado, os resultados da pesquisa expressaram as especificidades de cada gosto musical, o que futuramente pode subsidiar a prática da docência em geral. Uma vez entendido o lado do professor de música, é importante conhecer também o campo de atuação que contempla o universo musical, o que posteriormente objetivamos abranger com o estudo.

**Palavras-chave:** gosto musical; estética; educação musical

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a música faz parte da vida humana. Contemporaneamente, com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, essa participação é ainda mais intensa, sendo um “veículo universal de comunicação, pois não se tem registro de qualquer grupo humano que não realize experiências musicais” (QUEIROZ, 2011, p. 19<sup>1</sup> apud SILVA, 2014, p. 13).

---

<sup>1</sup> QUEIROZ, L. R. S. Diversidade musical e o ensino musical. **Educação Musical Escolar – salto para o Futuro**, ano XXI, boletim 8, p. 17-23, jun 2011.

Segundo Queiroz (2010, p. 114), como fenômeno artístico e cultural, a música não tem apenas um significado, mas um amplo universo de significados, e, segundo Muszkat, Correia e Campos (2000, p. 71), tem a capacidade de suscitar as mais variadas reações fisiológicas, comportamentais, psíquicas e afetivas, podendo expressar e traduzir, por exemplo, sentimentos, atitudes e valores. Filósofos da antiga Grécia já mostravam como a música influenciava e refletia uma sociedade.

Aristóteles já mencionava em seus trabalhos a importância dos estilos musicais na formação do caráter do ser humano, e Platão, por sua vez, indicava que a música poderia servir como instrumento capaz de influenciar sociedades inteiras (PIMENTEL, GOUVEIA & PESSOA, 2007<sup>2</sup> apud QUADROS, 2013, p. 36).

Porém, pensando em experiências da prática docente universitária relativas à atuação do estagiário e observador no exercício do magistério, deparamos situações que levam a questionamentos quanto à dificuldade de trabalhar determinado repertório musical em sala de aula, especificamente no que tange à estética e ao gosto musical.

Baseado nesta breve introdução, o presente artigo objetiva: (1) fazer um pequeno levantamento literário acerca dos conceitos de mídia, estética, gosto musical e educação musical; (2) recolher, identificar e analisar dados relativos ao gosto musical de alunos da Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí; (3) considerar os dados analisados avaliando sua percepção cultural e seu modo de absorver o conteúdo musical no cotidiano, abrindo caminhos para futuras reflexões acerca da influência desses resultados na prática docente; e (4) testar o instrumento de pesquisa.

## **Cultura midiática no contexto educacional**

Hoje, o avanço da tecnologia, especificamente nos meios de comunicação, tem disponibilizado uma gama de recursos e materiais tecnológicos capazes de um vasto acúmulo de informações em pouco tempo. Culturalmente falando, essa disponibilidade tornou-se parte do cotidiano de muitas pessoas, em diversos países e regiões. A mídia –

---

<sup>2</sup> PIMENTEL, C.; GOUVEIA, V. & PESSOA, V. Escala de Preferência Musical: construção e comprovação da sua estrutura fatorial. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 145-155, 2007.

sobretudo a televisão, o rádio e a *internet* – proporcionou uma grande facilidade de interações e circulação de informações.

Neste artigo, entendemos a mídia como Moreira (2003, p. 1208):

Num âmbito mais amplo e necessariamente genérico, cultura midiática é a cultura do mercado pensada e produzida para ser transmitida e consumida segundo a gramática, a lógica própria, a estética e a forma de incidência e recepção peculiares ao sistema midiático cultural.

Portanto, por meio de sua veiculação nos meios midiáticos, reconhecemos a cultura de massa como cultura midiática, ou cultura dos meios de comunicação de massa. O impacto dessa rápida circulação de informações está diretamente relacionado à formação de uma personalidade humana e, portanto, influencia a educação.

Essas condições expuseram as pessoas a estímulos excessivos de toda sorte, inclusive de experiências musicais, sejam elas boas ou ruins. No terceiro milênio, as tecnologias praticamente nos obrigaram a conhecer – ou pelo menos a ouvir –, quase forçosamente, a música do outro.

Como licenciandos em música e diante de nossa experiência docente, notamos que a mera aplicação de um plano de aula trabalhando uma música qualquer pode ser um grande desafio, em face da imensa heterogeneidade de gostos e preferências musicais em sala de aula. Quando deparam algo novo, os alunos eventualmente o estranham, e o professor de música deve ter sensibilidade e ser capaz de encontrar meios que façam com que essas experiências atinjam o gosto de cada sujeito diretamente relacionado com essas práticas e culturalmente representado por vivências musicais específicas. Isso é fundamental para o professor de música, tanto no ambiente escolar da educação básica quanto em momentos de absorção durante a formação profissional, e entendemos que essa etapa deve ser bem explorada. Essas questões suscitam reflexões sobre a relação entre estética musical e gosto na educação.

### **Gosto musical versus educação musical**

Para discutir a relação entre gosto musical e educação, é preciso ter em conta que esse universo ainda é, de certa forma, incipiente, sobretudo em lugares onde o conteúdo musical só se tenha incorporado ao currículo escolar nos últimos anos.

Entendemos que a mídia (TV, rádio e *internet*) não faz uma delimitação tipológica da música que divulga e tampouco uma divisão de estilos e conteúdos dirigidos a públicos determinados; seu interesse se restringe a modalidades de fácil acesso para todos, principalmente quando se trata de música, que também estimula a aquisição dos inúmeros objetos musicais disponíveis.

Assim, do ambiente escolar como fase de experimentação do conteúdo musical, pode-se dizer que geralmente a prática musical está relacionada ou é influenciada pelas práticas do “canto orfeônico”, que chegou ao Brasil em meados do século XX e trabalhou centrado em cantigas tradicionalmente ligadas a datas comemorativas ou temáticas como a Páscoa, o Dia das Mães, o Dia do Soldado etc. Nesse mesmo ambiente, mas não em sala de aula, notamos também que a música aparece aleatoriamente nos intervalos, nos corredores, em atividades extracurriculares propostas por professores e também passada de pessoa a pessoa por meio de seus aparelhos tecnológicos. Portanto, os alunos têm contato com uma espécie de embate entre estilos musicais: de um lado, o conteúdo expresso em sala de aula, muitas vezes visto como maçante e repetitivo, e, de outro, as músicas da indústria cultural de massa, que em geral acolhem facilmente graças às já mencionadas possibilidades de acesso.

Quanto ao gosto, recorreremos ao pensamento de Canclini (1984, p. 12), que o relaciona à fruição estética. Referindo-se ao “gosto”, ou ao chamado “bom gosto”, o autor afirma que o estético é “um modo de relação dos homens com os objetos, cujas características variam segundo as culturas, os modos de produção e as classes sociais [...] não é nem uma essência de certos objetos, nem uma disposição estável do que se chamou ‘a natureza humana’”. Nesse caso, entendemos que, tomando a música como objeto, a estética está na relação que as pessoas estabelecem com ela, e, de acordo com suas características específicas, seu modo de inserção em determinada cultura ou sociedade e com o auxílio dos meios midiáticos, percebemos uma absorção maciça desse conteúdo midiático.

Pierre Bourdieu (1997, p. 42) complementa esse entendimento quando afirma que o gosto é, na verdade, “um senso prático [...] esquemas de ação que orientam percepções, escolhas, respostas”. Portanto, ao observar o contato com diversos materiais

musicais no ambiente escolar, é preciso entender que a absorção parte de esquemas específicos que variam de pessoa para pessoa, apesar de percebermos que, de certa forma, a mídia procura homogeneizar os conteúdos.

Ao falar em gosto como um esquema de ação entre o homem e o objeto (a música), precisamos diferenciá-lo de conceituações relativas à preferência musical. De acordo com Meyer (1963, p. 22), “preferência se refere à predileção ou à eleição deliberada de algo”. Aplicando essa ideia ao campo musical, concordamos com Schäfer (2008), para quem a preferência musical pode ser definida como o grau do gosto por um estilo musical aliado à tendência comportamental de ouvir esse estilo mais que outros, podendo tal decisão ser de longa ou de curta duração. Relacionando tudo isso à presente pesquisa, podemos concluir que o que distingue gosto de preferência musical é duração: o gosto seria mais breve que a preferência.

## **METODOLOGIA**

### **Pesquisa**

A abordagem da pesquisa teve caráter quali-quantitativo, de modo a permitir uma compreensão mais ampla do tema estudado, e optamos pela pesquisa aplicada, “pois procura gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Finalmente, quanto os objetivos, classifica-se como exploratória.

### **Instrumento/método**

Conduzimos a pesquisa com o *survey*, que:

[...] pode ser referida como sendo a obtenção de dados ou informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa (FONSECA, 2002, p. 33<sup>3</sup> apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39).

Embora ainda não seja amplamente explorado no campo da música, o *survey* é um instrumento bastante utilizado em pesquisas quantitativas.

---

<sup>3</sup> FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Os sujeitos pesquisados integram a população acadêmica, e, de acordo com Gil (2008, p. 55), “pesquisas desse tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”.

Quanto ao número de pessoas entrevistadas, é ainda Gil (2008, p. 55) que nos orienta: “Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada, antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação”. Assim, serão estendidas à totalidade as conclusões tiradas a partir das entrevistas e de acordo com suas especificidades.

### **Procedimento e características**

Tendo em vista a finalidade do trabalho, a população escolhida para a realização do estudo era composta por alunos do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A amostragem estratificada procurou assegurar que se contemplassem todos os estratos da população estudantil do referido curso, do primeiro ao último período.

Pela amostragem estratificada, selecionamos 22 alunos dessa população para a coleta de dados. Obtivemos 19 questionários respondidos, ou seja, 86,36% dos que enviamos por correio eletrônico. O questionário foi adaptado de um histórico sonoro-musical utilizado para fins terapêuticos. Resultaram sete questões, sendo três de múltipla escolha e quatro dissertativas. Essas questões investigaram a escuta musical dos alunos do curso, com o objetivo de mapear seu gosto musical, e foram baseadas na escala ordinal de medida. Não se formularam questões para conhecer o perfil dos respondentes.

Os questionários foram enviados pelo endereço eletrônico pessoal de um dos pesquisadores, tendo sido antes acordado esse envio por um contato anterior via *whatsapp*. Os alunos tinham sete dias para responder, período que se encerrou em 10 de fevereiro de 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando como objeto de estudo o gosto musical do corpo discente do curso de Licenciatura em Música, levantamos a seguinte questão: como mapear esse gosto de modo a subsidiar a prática docente? Que tipos de influência ele sofre?

Partindo de tais questões, surgiu a necessidade de levantar, identificar e analisar, por meio de uma pesquisa quali-quantitativa, o gosto musical desses alunos, a fim de avaliar percepções culturais e o modo de absorção do conteúdo musical em geral. Por meio de um estudo piloto, se estudariam possíveis direcionamentos da prática docente a partir dos resultados da pesquisa. Até este ponto, o questionário é nosso principal instrumento de avaliação do gosto musical, mas o tema será posteriormente estudado com mais profundidade, considerando-se também os processos de educação desenvolvidos na rede básica de ensino.

A pesquisa foi conduzida com base nos seguintes elementos: (1) preferências musicais; (2) preferências instrumentais; (3) experiência musical; (4) preferências por festas populares; (5) como e quando ouve música; (6) como escolhe; e (7) informações adicionais sobre o gosto musical.

Gráfico 1 – Preferências musicais

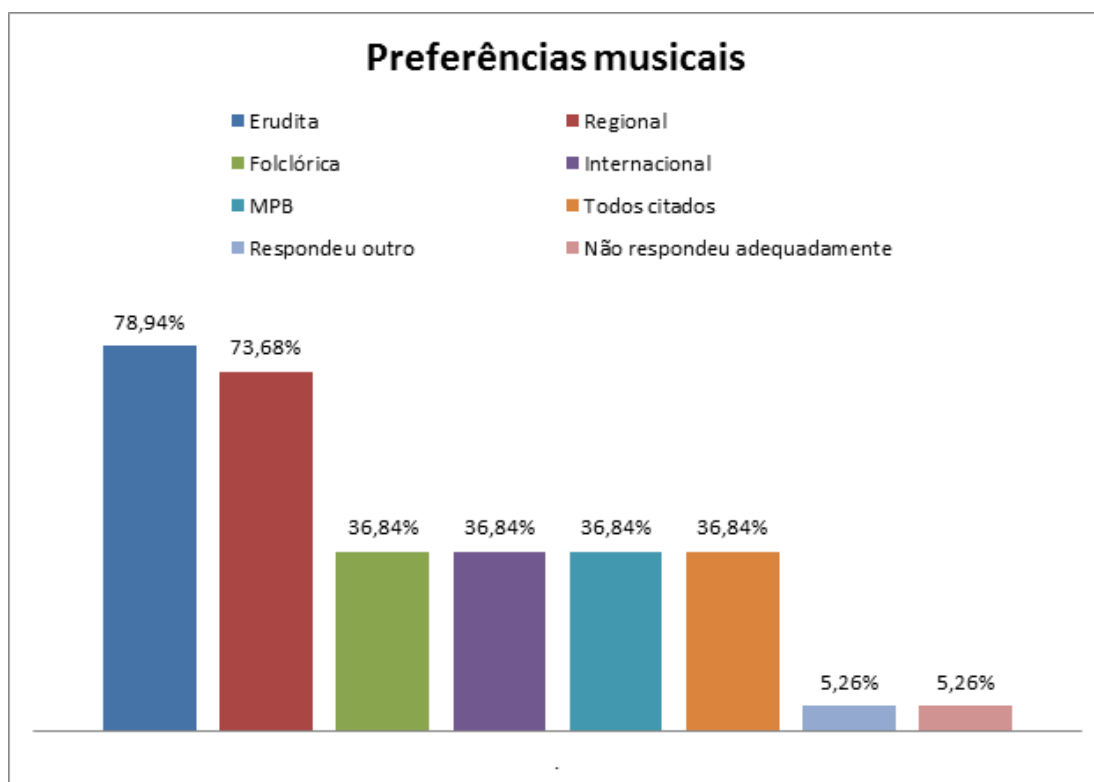
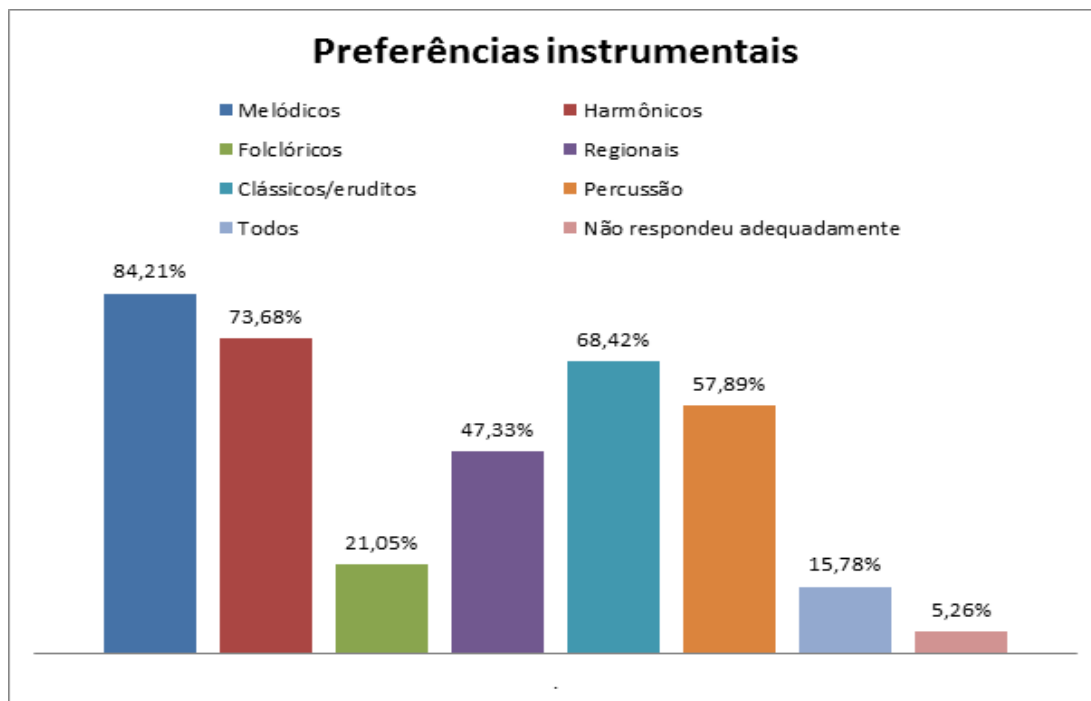
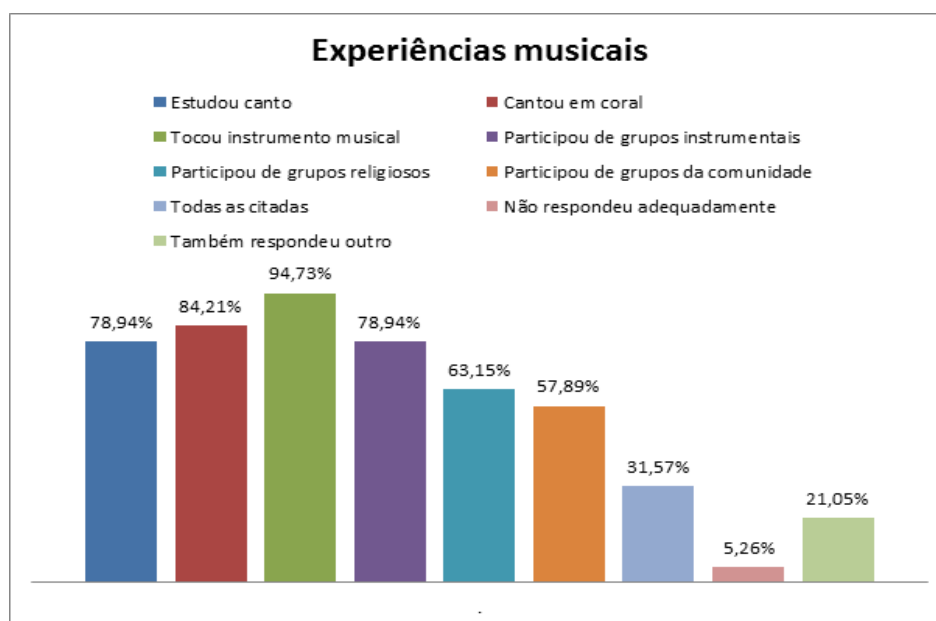


Gráfico 2 – Preferências instrumentais



No Gráfico 1, destacam-se, nesta ordem, a música erudita e a música regional. No Gráfico 2, as preferências instrumentais recaem sobre os instrumentos melódicos e os harmônicos, contra uma pequena frequência dos instrumentos folclóricos.

Gráfico 3 – Experiências musicais





O Gráfico 3 mostra quase todos os entrevistados tiveram a experiência de tocar um instrumento musical e que mais de 80% cantaram em coral. Mais da metade dos entrevistados já tocaram ou cantaram em conjunto, em grupos instrumentais, de igrejas ou de comunidades, e 31,57% viveram todas as experiências citadas. Esses dados são promissores, pois as experiências de coral, instrumental e de conjunto são essenciais para trabalhar música na educação básica.

Já no que diz respeito à preferência por festas populares, a maior parte das respostas foi “Não tenho preferência/Não costumo participar/ Não gosto”. Importa registrar que alguns perguntaram: “O que são festas populares?” ou “Que tipo de festas populares?”. Outros preferiram as festas juninas e o Carnaval, não só do Brasil, mas de outros países. Outros ainda responderam que preferem festas “ligadas a cultura ou movimentos culturais”, e um deles exemplificou com a Dança de São Gonçalo, a Festa do Divino e o Tambor de Criola. Citaram-se ainda festas cristãs como o Natal e a Páscoa, além de outras respostas diferentes.

A quase totalidade dos alunos afirmaram ouvir música sempre ou quase sempre. Quanto ao lugar, a maior recorrência foi em casa, seguida do computador, da *internet* e do celular. Finalmente, no carro, no ônibus ou dirigindo, quando se deslocam no cotidiano.

De modo geral, os entrevistados afirmaram ouvir música para “estudar, primeiramente”, “relaxar”, “ao estar livre de qualquer compromisso”, “por causa do trabalho”, “ao fazer qualquer atividade doméstica”, ou simplesmente “quando não tem nada para fazer”. Um deles afirmou preferir o silêncio para relaxar, e outro ainda, o momento musical no ambiente das igrejas.

No que tange à escolha das músicas, a maioria respondeu que se guia pelo estilo, pelo compositor, pelo cantor ou pela banda que já conhece e aprecia: “Verifico se é de um estilo que gosto ou um tipo de música que já me agrada ouvir”. “Geralmente, ouço as músicas de que já tenho certo interesse em absorver alguma coisa, então, elas já estão predefinidas”. “Eu gosto de ouvir todo o disco de determinados artistas”. “[...] vou ‘folheando’ o Youtube em busca de músicas no estilo de que gosto”.

Depois, escolhem por elementos como a letra ou o humor, o momento ou a ocasião: “Escolho pelo que sinto no momento” ou “Tudo depende do meu humor”. Houve

também umas poucas respostas como trabalho, estudo e mídia. Um dos entrevistados respondeu: “Nem sempre temos escolha. Em alguns lugares como no ônibus, andando na rua etc., somos ‘obrigados’ a ouvir o que toca”. Dois dos alunos afirmaram evitar “músicas modinhas” e “enlatadas”.

A maior parte dos alunos que participaram da pesquisa afirmaram ter já um ou mais estilos musicais predefinidos, e isso, de certa forma, reflete suas demais preferências, por exemplo, no caso dos instrumentos musicais e das festas populares. E o contrário também é verdadeiro, embora alguns participantes tenham afirmado estar abertos a outras músicas, desde que “agrade e que [...] acrescente algo”, ou por indicação ou curiosidade: “Ouço muito por indicação de colegas, professores, família ou por influência da mídia” ou “Às vezes, ao ler um livro de história da música, tenho curiosidade de ouvir obras de cada compositor e período”.

Pautada nestas últimas respostas e tendo em vista que o primeiro motivo da escolha do que ouvir foram os estudos, é compreensível que, embora pouco presente no cenário cultural de Teresina, a música erudita tenha sido a preferida dos alunos, mostrando que a academia também influi em seu gosto musical, uma vez que é fortemente presente nas aulas de música. É sabido que, antes de ingressar na universidade, alguns licenciandos tinham contato com a música erudita, mas nem todos tiveram essa oportunidade.

Houve também uma grande preferência dos alunos pesquisados pela música regional, pertencente a sua vivência cultural e podendo caracterizar certa influência também.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo mapeou genericamente o gosto e as preferências musicais dos licenciandos em Música da Universidade Federal do Piauí, subsidiou a reflexão sobre suas influências e testou o instrumento de pesquisa. Diante da realidade encontrada na capital do estado e da escassez de estudos similares, este trabalho pode ser uma pequena nascente de reflexões acerca da influência do gosto musical em diversos aspectos como, por exemplo, a própria aprendizagem dos licenciandos, as

potencialidades de alguns elementos do gosto musical, um conhecimento mais profundo do campo de atuação e também o gosto musical dos alunos do ensino básico, abrindo novas e frutíferas possibilidades para pesquisas futuras.

Foi possível perceber que a vivência musical do aluno da graduação em música sofre certa influência do cenário cultural em que ele vive, assim como da academia, dos estudos, do trabalho e da mídia. Antes de tudo, a diversidade de experiências dos alunos a impossibilidade de tomá-los como um grupo cultural e musicalmente uniforme. Assim, embora o estudo piloto dê as linhas gerais do mapeamento de uma amostra estratificada, esta pesquisa não pode ser tomada como um veredito final, mas como teste de um instrumento e procedimento e inspiradora de questões acerca do assunto.

Finalmente, o estudo piloto mostrou-se satisfatório, uma vez que, além dos resultados gerais, permitiu testar e avaliar o instrumento de pesquisa. Embora também tenha se revelado satisfatório, esse instrumento ainda demanda ajustes, revisão e aprimoramento, de modo que, aplicado a uma pesquisa de maior escala, enseje uma análise menos difícil, tanto no tange à clareza de algumas questões subjetivas como na escala de medida adotada, que deixou alguns respondentes em dúvida e levou a dificuldades desnecessárias na análise dos dados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILER, Cyntia; TOMITCH, Lêda Maria Braga & D'ELY, Raquel Carolina Souza Ferraz. O planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. XXIV, p. 129-146, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/10118/7606>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/347738/mod\\_resource/content/1/BOURDIEU%20P.%20Raz%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Sobre%20a%20Teoria%20da%20A%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/347738/mod_resource/content/1/BOURDIEU%20P.%20Raz%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas%20-%20Sobre%20a%20Teoria%20da%20A%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

CANCLINI, N. G. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino & SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed São Paulo: Prentice Hall, 2007. Disponível em: <<https://soniacima.files.wordpress.com/2010/07/ciencia.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008. Disponível em: <<http://compartilhandoebook.blogspot.com.br/2014/02/metodos-e-tecnicas-de-pesquisa-social.html>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MUSZKAT, Mauro; CORREIA, Cleo M. F. & CAMPOS, Sandra M. Música e neurociências. **Revista Neurociências**, v. 8. n. 2, p. 70-75, 2000. Disponível em: <<http://www.meloteca.com/musicoterapia2014/musica-e-neurociencias.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

QUADROS JÚNIOR, João Fortunato Soares de & LORENZO, Oswaldo. Preferência musical e classe social: um estudo com estudantes de ensino médio de Vitória, Espírito Santo. **Revista da Abem**, Londrina, v. 21, n. 31, p. 35-50, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/70/56>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/download/221/201>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SILVA, Helena Lopes da. O ensino de música no ensino médio: reflexões a partir do projeto PIBID música UEMG. **Revista Nupeart**, v. 12, p. 10-21, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/download/5787/3913>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses**. São Paulo: Atlas, 2003.

**SOBRE OS AUTORES:**

André de Araújo Leal: graduado em Licenciatura em Música na Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Janaina Lima da Silveira: graduada em Licenciatura em Música na Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Paula Maria Aristides de Oliveira Molinari: docente da Universidade Federal do Piauí – UFPI; grupo de pesquisa: Performance e Pedagogia Wolfsohn/Molinari (CNPq); coordenadora do PROEMUCA – Projeto de Extensão: Educação e Música em Conceito-Ação (PREX/UFPI); coordena o projeto de pesquisa Sensibilização para os Patrimônios através das Artes – PIBIC/CNPq; editora-chefe da Coletânea Professores em Formação: Saberes e Práticas PARFOR/UFPI; coordenadora Música – PRODOCENCIA/CAPES/UFPI; Roy Hart Voice Theatre Teacher, Centre Artistique International Roy Hart, França; coordenadora Nordeste do FLADEM/Brasil ([www.fladembrasil.com.br](http://www.fladembrasil.com.br)).